

II SIMPÓSIO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL

O FUTEBOL E SUA UTILIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO E POLÍTICA EXTERNA NO BRASIL

Mario A. Santos¹

APRESENTAÇÃO

O artigo que aqui se inicia e que se propõe a abordar a relevância do futebol como um instrumento bastante positivo para a inserção internacional e para embasar determinadas estratégias de política externa brasileira é fruto de um trabalho de pesquisa que começou a se delinear em fins de 2008, época em que decidi me candidatar ao mestrado em Relações Internacionais. Inicialmente, propor uma análise conjunta reunindo futebol e relações internacionais, temática que, à época, mesmo com todo o potencial esportivo brasileiro se tornando cada vez mais evidente, era algo bastante escasso nos meios acadêmicos das Relações Internacionais no Brasil, não obstante países como França e Inglaterra – que não possuem tão acentuado prestígio no universo futebolístico, comparativamente ao que o Brasil faz jus – já apresentarem, desde a última década do século passado, estudos relacionando Futebol, Política, Cultura e Relações Internacionais. Assim, a pesquisa iniciada em 2008 evoluiu, durante o mestrado iniciado em 2009, para uma análise mais contundente acerca do papel do futebol, o mais praticado de todos os esportes, na política internacional e suas respectivas implicações, o que culminou na dissertação de mestrado intitulada “Esporte e Relações Internacionais: A Diplomacia Futebolística como Ferramenta de Soft Power – O Caso do Brasil”, defendida e aprovada em 2011, e da qual o artigo a ser aqui apresentado é um dos resultados.

INTRODUÇÃO

Nascido na Inglaterra, o futebol se propaga segundo a expansão do capitalismo no mundo e se torna fruto da disseminação da influência cultural inglesa na arena mundial. Assim, desde o começo se pode perceber que a vinculação deste esporte com a política tem sido recorrente. Espelhando e refletindo a realidade em que se encontra inserido, o futebol paulatinamente se universaliza, tendo sido realizada, em 1930, no Uruguai, a primeira edição da Copa do Mundo FIFA, a qual já nasce impregnada de teor político, haja vista que neste ano comemorava-se o centenário da independência do Uruguai. Com o passar dos anos, a globalização do futebol – aliada ao avanço da indústria do marketing e do entretenimento – fez do segmento futebolístico uma

¹ Economista pela UFRJ, Especialista em História das Relações Internacionais pela UERJ e Mestre em Relações Internacionais pela UERJ.

extraordinária fonte de riqueza, especialmente a partir da década de 1990, período em que a internacionalização do capital se intensificou. Destarte, alçado à categoria de esporte mais praticado em todo o mundo, pode-se dizer que o império do futebol não conhece limites nem fronteiras e, sendo assim, suas implicações não mais se restringem ao campo de jogo, mas sim compreendem as esferas social, política e econômica, o que o torna um significativo objeto de estudo das ciências humanas, argumentos estes que podem ser comprovados na medida em que a própria lógica da escolha do país-sede da Copa do Mundo se reveste de um caráter claramente político, privilegiando África do Sul (2010), Brasil (2014) e Rússia (2018), países emergentes e que fazem parte dos BRICS. Em adição, cabe ressaltar que o papel do futebol no cenário internacional vem assumindo proporções tais que este vem sendo regularmente utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma ferramenta auxiliar no processo de pacificação de áreas em conflito, como impulsionador do desenvolvimento humano e da inclusão social, e como instrumento que propicia o empowerment de meninas e mulheres, as quais, em alguns países como o Afeganistão, sofrem sérias restrições quanto à prática de esportes.

No que diz respeito ao Brasil, em nosso imaginário o futebol se tornou uma instituição, o que talvez em parte explique a crise interna pela qual este vem passando nos últimos anos. Aqui, não apenas falamos e debatemos o futebol; o praticamos, nos emocionamos por e com ele, o que, tendo em vista nossas dimensões continentais e tamanho da população, faz com que o Brasil seja o país no qual este esporte mais é praticado. Ademais, impossível negar a onipresença do futebol no cotidiano tupiniquim, a qual se manifesta seja em nosso linguajar coloquial – “fulano foi colocado pra escanteio” ou aquela garota “bate um bolão” –, seja mediante o uso de metáforas futebolísticas como recurso constante em discursos políticos de governantes populistas. Outrossim, durante a Copa do Mundo, período de celebração máxima do universo futebolístico, a comoção que contamina a sociedade atinge proporções gigantescas, despertando um fervor patriótico e por vezes ufanista sem precedentes.

Por outro lado, considerando-se a acentuada visibilidade que o futebol possui em todo o mundo, a qual cresce exponencialmente a partir da década de 1990, impulsionada pelo recrudescimento do processo de globalização e de internacionalização do capital, este esporte se torna um importante canal de espraiamento de mensagens e símbolos na arena internacional, difundindo e divulgando imagens e valores nos mais remotos cantos do planeta. Desta forma, o futebol tem sido utilizado por alguns países, dentre os quais o Brasil se destaca, como uma ferramenta para ajudar a promover o país no cenário mundial, o que propicia ganhos na esfera política, econômica e comercial. Reconhecido mundialmente como o país do futebol, o Brasil, embasado em uma prática diplomática não tradicional que tem como pilar o futebol – a diplomacia

futebolística – e que se institucionaliza a partir de 2003, início do governo Lula, busca se utilizar do prestígio que o futebol brasileiro possui como um instrumento de projeção internacional, seja por intermédio de ações pontuais, tais como o Jogo da Paz, realizado em 2004, em Porto Príncipe, no Haiti, entre a seleção brasileira de futebol e a seleção haitiana, quando da liderança brasileira na Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti (MINUSTAH), seja por intermédio da atuação da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), que firma inúmeros acordos de cooperação esportiva com outros países, ou seja por sediar o evento de maior visibilidade e importância do universo futebolístico: a Copa do Mundo FIFA de Seleções. São justamente tais ações que procurarei, aqui, de forma um tanto quanto sucinta, abordar.

O FUTEBOL DENTRE OS PRECEITOS DE POLÍTICA EXTERNA

Para um país que busque inserir-se de forma positiva na arena internacional, de modo que seus objetivos e resultados pretendidos se tornem efetivos, seus preceitos de política externa e atuação diplomática devem ser condizentes com a conjuntura vigente no concerto das relações internacionais. Apenas desta maneira ser-lhe-á garantido a positivação de sua imagem perante a comunidade internacional, o que representa um fator por demais favorável para a consecução de seus objetivos e para que, por conseguinte, obtenha dividendos políticos, econômicos e comerciais significativos. E, diante de uma nova dinâmica mundial que emerge a partir da década de 1990, com o fim da Guerra Fria e reconfiguração do sistema internacional, estratégias de inserção internacional passam a ser reorientadas e elementos intangíveis de poder começam a adquirir maior importância no cenário internacional na medida em que a cooptação e a cooperação se mostram mais relevantes nas relações internacionais do que a coerção pura e simples. Neste contexto, o chamado *soft power* – o poder que propicia aos países que dele se utilizem com maestria uma imagem positiva, atratividade e outros benefícios mediante o uso da cooptação e não mais da coerção embasada no poder de armamentos e sanções (*hard power*) – surge como excelente alternativa nas relações entre os Estados.

Assim, sendo a cultura uma poderosa fonte de *soft power*, o futebol, uma das manifestações culturais de maior importância no mundo, possui bastante peso no que diz respeito ao espraio de imagens, valores e símbolos de um país no cenário internacional, propiciando a este – no caso de haver uma política externa contundente e que saiba se utilizar desse instrumental de poder – ganhos significativos. Diante de uma atuação diplomática que abarque dentre seus preceitos a utilização do futebol para alavancar o protagonismo do país no ambiente externo, a positivação da imagem deste país no concerto internacional será obtida sem que, na maioria das vezes, tal estratégia de inserção seja sequer percebida. E é justamente esta estratégia que, a partir de 2003, com o início do governo

Lula, se institucionaliza de forma mais contundente na política externa brasileira, especialmente nas relações com os países do continente africano, desde sempre apaixonados pelo futebol brasileiro, e inclusive na divulgação em escala mundial do programa governamental “Fome Zero”, propagandeado exaustivamente em estádios de futebol, durante partidas da seleção brasileira, fossem no Brasil ou no exterior e, em algumas ocasiões, durante jogos de times brasileiros em competições internacionais. Também com base nesta estratégia que faz uso do futebol como promotor do protagonismo brasileiro na arena mundial se embasou à exitosa candidatura engendrada pelo governo brasileiro para sediar a Copa do Mundo de 2014, bem como, ampliando-se o campo de atratividade para o esporte em geral, os Jogos Olímpicos de 2016, megaevento de grande visibilidade mundial e que, por essa razão, ensejam inúmeras disputas políticas a nível internacional, muitas vezes decididas por intermédio de acordos diplomáticos secretos entre os países, acordos estes que garantem votos decisivos no pleito.

A se destacar que, no caso brasileiro, foi sobretudo por intermédio do futebol – sem querer negligenciar, contudo, a importância do samba, do carnaval e da música popular brasileira – que o país alçou sua imagem para o mundo, no que o documentário “1958: O Ano que o Mundo Descobriu o Brasil” ilustra muito bem. O futebol prega o *fair play*, a resolução pacífica de conflitos, a disputa amigável, a não violência – mesmo que algumas partidas de que tomamos conhecimento contrariem amplamente tais prerrogativas, seja dentro de campo ou, sobretudo, fora deste –, ou seja, alguns dos princípios fundamentais que regem nossas relações internacionais. Não por acaso, o governo brasileiro, em especial o do ex-presidente Lula, se utilizou (e ainda se utiliza) do prestígio que o futebol brasileiro desfruta em todo o mundo como uma das maneiras de divulgar a imagem brasileira no cenário internacional.

Assim é que o futebol se imiscui dentre as ferramentas da política externa brasileira e se constitui em um dos mais relevantes elementos de *soft power* do país. Futebolistas brasileiros mundialmente renomados ajudam a espraizar os valores e a cultura de nosso país no exterior, o que, levando-se em conta o fato de o Brasil ser o maior exportador mundial de futebolistas, representa uma fonte inesgotável de divulgação da imagem brasileira no exterior. Em outras palavras, o futebol brasileiro “é quase uma ‘marca’ internacional, um ‘Made in Brazil’, que, como um produto, tem uma cotação mercadológica, só que, evidentemente, muito mais enobrecida e complexa porque referida à imagem do país.” (VASCONCELLOS, 2008, p. 241) Cumpre registrar que, consciente do poder que o futebol possui no cenário internacional, o que, em 1995, era o Ministério Extraordinário dos Esportes, tornou-se, em 2003, Ministério dos Esportes, fato este propiciado, sem embargo, pela elevação do status internacional do país na área esportiva. Desta forma, o futebol brasileiro passou a ser visualizado, não apenas pelo setor governamental mas também pelo setor

privado, como um vetor prioritário na promoção cultural e institucional e fonte geradora de riquezas, assim como uma contundente ferramenta irradiadora da imagem e prestígio do país no exterior.²

Interessante frisar que, apesar de o futebol ter se tornado matéria de pauta diplomática e instrumento da política externa brasileira, o Estado não é o detentor exclusivo deste elemento de poder. Torna-se evidente que ele se beneficia das ações de atores não-estatais, que se fazem imprescindíveis nessa dinâmica. Destarte, o sucesso de futebolistas brasileiros em times estrangeiros traz benefícios ao país como um todo, bem como a conquista de uma competição internacional por algum clube brasileiro contribui, decisivamente, no sentido de propalar a imagem do país no exterior. A própria seleção brasileira de futebol que atua, inúmeras vezes, com objetivos que extrapolam a esfera esportiva, quando em jogos em áreas de conflito, é de responsabilidade da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade máxima e reguladora do futebol brasileiro, não havendo nesta nenhum tipo de ingerência governamental. O que se pode constatar com isso é que da atuação conjunta de atores estatais e de atores não-estatais advêm dividendos a ambos. Consequentemente, observa-se que:

Na exploração do filão mercadológico esportivo, a singularidade da imagem esportiva do Brasil fomentou algumas ações práticas específicas de promoção no plano internacional. A apresentação de atletas e equipes brasileiras serviu de suporte para a internacionalização das atividades de empresas públicas, privadas e transnacionais, na conquista de contratos e novos mercados e no reforço da participação em eventos. (VASCONCELLOS, 2008, p. 272)

Desta forma, no que tange ao vetor econômico do futebol brasileiro, pode-se constatar este é bastante explorado, visto que, conforme citado anteriormente, este esporte tornou-se uma marca de reconhecido valor mercadológico. Assim, associar campanhas publicitárias ao futebol é garantia de retornos financeiros crescentes. Não por acaso, inúmeras empresas dos mais diversos segmentos firmam contratos de patrocínio milionários com a CBF, visando, desta forma, internacionalizar sua respectiva marca, utilizando-se do prestígio da seleção brasileira, a exemplo do Banco Itaú, ou mesmo por intermédio de alguns jogadores cuja imagem possui um grande apelo, o que é bastante comum no universo futebolístico. Para o país isso também gera benefícios, de sorte que em várias feiras comerciais realizadas no exterior a promoção da imagem brasileira é comumente associada ao futebol. No ano de 2010, ano da Copa do Mundo da África do Sul, o estande do Brasil na Feira Comercial de Beijing consistia em um campo de futebol em que se destacava a seleção brasileira.

Cabe, contudo, ressaltar que, apesar de o Brasil ser considerado uma superpotência na geopolítica do futebol e ser dono de um inestimável prestígio devido a magia e fascínio que

² VASCONCELLOS, D. W. Esporte, Poder e Relações Internacionais. Brasília: FUNAG, 2008.

desperta no mundo, tal prerrogativa seria inútil caso não houvesse uma política orientada a explorar esse prestígio, de sorte que este não é o único responsável pela imagem que o país desfruta no exterior. Impossível negar que a associação da imagem do Brasil ao prestígio do futebol brasileiro proporciona significativa vantagem competitiva e visibilidade na arena internacional, que acaba refletindo no trato de matérias de política internacional, tais como acordos bilaterais de cooperação ou acordos comerciais, os quais geram benefícios ao país.

A matéria agora reside em como fazer uso adequado do prestígio propiciado pelo futebol.

Para tanto:

A política externa, em seu aspecto mais fisionômico e funcional, abarca naturalmente a arte diplomática das negociações, tratados e conferências internacionais. Vender a qualidade de produtos e serviços, a competência laboriosa de empresas nacionais, a credibilidade das instituições, as virtudes da sociedade e a imagem do país também é função e feição da política externa. (VASCONCELLOS, 2008, p. 244)

E de forma simples e direta define-se, assim, que o futebol é o instrumento empregado nesta empreitada, haja vista ser este o principal cartão de visitas do país no exterior, bem como um excelente amplificador da mensagem de paz mundial, de afirmação de liderança política e projeção global.³

A DIPLOMACIA FUTEBOLÍSTICA BRASILEIRA

Da presença do futebol dentre os preceitos da política externa brasileira, se consolida uma atuação diplomática não tradicional que se embasa, primordialmente, no futebol como um ativo intangível de poder e como um elemento capaz de ajudar na consecução dos objetivos desejados pelo governo. Na verdade, a grande admiração que se tem pela seleção brasileira de futebol transborda para outras instâncias que não esportivas, o que tem sido utilizado como forma de alavancar o protagonismo brasileiro no concerto internacional. Exemplos dessa potencialidade do futebol brasileiro são reportados em profusão: bem antes de ter sido escolhido como país sede da Copa do Mundo de 2022, a visita de Pelé a Doha, como convidado de honra do governo do Qatar, para inauguração de um complexo esportivo de excelência, o ASPIRE, representou uma difusão promocional brasileira bastante contundente, ocasião em que iniciativas comerciais foram acordadas entre ambos os governos. Ainda no Oriente Médio, região que nutre imensa apreciação pelo futebol brasileiro, diante da forte resistência aos produtos norte-americanos, o futebol assumiu ares de um eficiente garoto propaganda brasileiro na estratégia de aproximação comercial brasileira na região. Estes exemplos mostram, facilmente, o prestígio do futebol brasileiro na região e os

³ VASCONCELLOS, D. W. Op. Cit., nota 2.

benefícios daí advindos para o país, mediante o uso deste esporte como um canal privilegiado, ou seja, um elemento de *soft power*.⁴

Entende, assim, o governo brasileiro que o futebol, portador do prestígio e imagem internacional do país, serve a objetivos diplomáticos que almejam realçar o protagonismo brasileiro na arena mundial. Nesse sentido, a diplomacia futebolística levada a cabo pelo Itamaraty – em consonância com atores não-estatais de relevância, por exemplo, a CBF – tem obtido ótimos resultados políticos e comerciais para o país. Nesse sentido, é forçoso destacar o discurso do Itamaraty que advoga favoravelmente à utilização do futebol brasileiro como instrumento de conagração mundial, prática recorrente em intervenções humanitárias em áreas de conflito, chancelada pela ONU. Contudo, neste aspecto, deve-se, obrigatoriamente, sob o risco de uma má interpretação dos fatos, distinguir o discurso oficial propalado pelo governo do discurso real, porém implícito, objetivo de determinada ação política, que, em grande parte das vezes, nada possui de humanitária, visando, de forma efetiva, buscar hegemonia na região e, por meio desta, auferir lucros extraordinários, seja mediante o comércio ou estando presente na reconstrução da região, que se transforma em uma inesgotável fonte de lucro para grandes empresas do setor de construção civil – Odebrecht e Camargo Correa, por exemplo –, tal como se verificou em alguns países do continente africano e também no Haiti.

Outro ponto que revela a importância da diplomacia futebolística brasileira diz respeito à cooperação internacional que emerge via futebol. Assim, destaca-se a significativa oferta de cooperação internacional embasada no futebol, tratativas geralmente engendradas pela ABC. No tocante à cooperação esportiva, observa-se que o país mantém inúmeros acordos relevantes, os quais contribuíram – e ainda o fazem – no sentido de alavancar o protagonismo brasileiro no mundo, o que, sem dúvida, foi essencial para que o país saísse vitorioso no pleito para escolha do país sede da Copa do Mundo de 2014 e, logicamente, também na escolha do Rio de Janeiro para sede das Olimpíadas de 2016.

À guisa de ilustração, no que concerne à América Central e Caribe, a participação do Brasil na MINUSTAH, a partir de 2004, ensejou o fortalecimento das relações entre a região e o Brasil, que passou a ser mais procurado pelos países caribenhos como alternativa para projetos de cooperação e parcerias para o desenvolvimento, aproximação esta evidenciada pela abertura de embaixadas residentes na totalidade dos países da Comunidade, pelo fluxo de missões de cooperação à região e pelo aumento de quase dez vezes no intercâmbio comercial entre o Brasil e a região, que se verifica desde 2003. A se destacar a realização em Brasília, em abril de 2010, da I

⁴ VASCONCELLOS, D.W. Op. Cit., nota 2.

Cúpula Brasil-CARICOM – primeiro encontro de chefes de Estado e Governo entre o Brasil e a CARICOM – a qual viabilizou avanços no diálogo político, consubstanciado na Declaração de Brasília. Nesta ocasião, foram abordados temas importantes como a reforma das instituições financeiras e políticas internacionais, auxílio na reconstrução do Haiti e a intensificação da cooperação em várias áreas. Porém, de forma inequívoca, o grande marco dessa cooperação foi a realização do amistoso de futebol entre as seleções de Brasil e Haiti, em agosto de 2004, o Jogo da Paz.⁵

Fundamental ressaltar que, durante os dois mandatos do ex-presidente Lula, o foco da política externa brasileira esteve direcionado, na maior parte do tempo, às relações com os países do continente africano, sendo notória a admiração que estes países nutrem pelo futebol brasileiro. Desta forma, a África tornou-se, durante o governo Lula, um campo excepcional de atuação para diplomacia futebolística brasileira, ainda mais se considerarmos que a Copa do Mundo de 2010 foi realizada na África do Sul, sendo esta a primeira vez em que o continente foi palco de uma Copa do Mundo FIFA, inserindo-se, de vez, na geopolítica do futebol. Com isso, a diplomacia futebolística foi um instrumento por demais essencial na operacionalização da cooperação brasileira com os países africanos. Tamanha foi a magnitude desta cooperação que na área de esportes foram assinados vinte e um atos bilaterais, sem contar os diversos outros tratados bilaterais de comércio acordados. Nesse ínterim, houve um forte apoio do governo brasileiro à internacionalização de empresas brasileiras da área de esporte. O Sudão, por exemplo, país no qual a agenda bilateral se encontrava em processo de criação a esta época, foi palco, em 2010, da participação da Olé Brasil, empresa brasileira ligada ao futebol, em missão da ABC, a qual contou com o apoio do Ministério das Relações Exteriores (MRE) brasileiro. Em adição, a Olé Brasil, com o apoio da embaixada brasileira em Pretória, realizou uma clínica de futebol em Johannesburg, durante a Copa de 2010.⁶

Em suma, a cooperação esportiva levada a cabo por intermédio da diplomacia futebolística tem como principal finalidade a expansão do protagonismo brasileiro nas regiões em que esta é acordada, bem como, mediante esta, a celebração de novos acordos comerciais com os países envolvidos e, inclusive, apoio político em fóruns multilaterais, dividendo estes que podem derivar da utilização de um dos mais importantes vetores de *soft power* que o país possui: o futebol.

Não se esgotando a cooperação internacional propiciada pela diplomacia brasileira, cabe destacar a importância da Copa do Mundo de 2014 para a imagem internacional do país.

⁵ Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. América Central e Caribe. Cúpula Brasil-CARICOM.

⁶ Balanço de Política Externa – 2003 a 2010. Relações com a África. Cooperação Esportiva.

A COPA DO MUNDO 2014: SUCESSO OU ILUSÃO?

Sem embargo, a Copa do Mundo se mostra uma excelente plataforma de promoção institucional para o país-sede do megaevento. Por ser o mais importante torneio do universo futebolístico e também o de maior visibilidade, sendo assistido por milhões de pessoas em todo o mundo, este garante ao país-sede, de imediato, uma visibilidade e projeção internacionais de grande magnitude, as quais transbordam para esfera política, sendo, por isso mesmo, parte essencial da estratégia de inserção internacional e afirmação de qualquer país na arena mundial, o que pode ser comprovado com a Copa do Mundo de 2010, realizada na África do Sul – a primeira Copa no continente africano – e que positivou a imagem do país no cenário internacional. Em adição, ao se focar a análise no contexto interno de um país que se torna sede da Copa, esta pode gerar melhorias em infraestrutura, aumento do nível de emprego, desenvolvimento e crescimento econômico, tendo em vista a afluência de divisas para o país-sede, especialmente no que tange ao setor turístico. A assinatura de novos acordos comerciais e de cooperação técnica e científica com outros países também é uma possibilidade que pode vir a ser concretizada. Neste sentido:

Megaeventos esportivos internacionais de grande visibilidade resultam timbrar nos países conceituações que reuniões e protocolos internacionais às vezes são insuficientes para lograr e manter [...] Que outro tipo de acontecimento pode proporcionar semelhante publicidade positiva e tamanha visibilidade universal? (VASCONCELLOS, 2008, p. 240)

Desta forma, fazer do país um destino prioritário para megaeventos esportivos é um objetivo que se faz necessário, haja vista que as potencialidades do esporte, que extrapolam os limites esportivos, podem vir a refletir de forma positiva na economia e na imagem externa do Brasil, desde que, é claro, os preparativos para a montagem da infraestrutura necessária para o perfeito desenrolar da Copa do Mundo sejam adequadamente equacionados. No tocante a este ponto, impossível não demonstrarmos uma grande apreensão face às inúmeras notícias divulgadas nos meios de comunicação acerca das péssimas condições em que se encontram grande parte dos aeroportos brasileiros, dos atrasos nas obras da maioria dos estádios que serão utilizados durante a Copa e que foram construídos com recursos públicos, da falta de infraestrutura em algumas cidades que sediarão jogos do torneio, do cancelamento de várias obras de mobilidade urbana, do diminuto legado da Copa e da situação de quase convulsão social pela qual o país vem passando, com baixos índices de educação, saúde e segurança para população e outras tantas mazelas sociais que se perpetuam exaustivamente.

Apesar das inúmeras ações governamentais no sentido de tornar a Copa 2014 um evento lucrativo e, desta forma, promover, por intermédio do torneio, a imagem do país no exterior, todos os preparativos para o evento têm repercutido de forma bastante negativa na mídia, sejam os atrasos nas obras, as várias mortes ocorridas nestas obras e a insatisfação de grande parcela da população.

Outrossim, a possibilidade concreta de que ocorram várias manifestações de protesto durante a competição, a exemplo do verificado em quase todo o país durante a realização da Copa das Confederações, no ano passado, já contribui para criar um pessimismo com relação ao megaevento, que pode vir a se tornar uma propaganda bastante negativa para o país, diminuindo o grau de credibilidade que este possui no cenário internacional. Ademais, deve-se ressaltar a grande divergência de opiniões existente entre o discurso governamental e o discurso de grande parcela da população no que diz respeito à Copa 2014. Assim, enquanto para a população brasileira a Copa do Mundo significa desperdício de dinheiro público, falta de investimento em projetos sociais, falta de infraestrutura, para o governo brasileiro esta significa a oportunidade perfeita para satisfazer os interesses dos setores que dão sustentáculo à política partidária, especialmente o setor de construção civil⁷. Some-se a isso o fato de que as expectativas governamentais não se confirmaram durante a realização da Copa das Confederações, que se traduziu na divulgação de uma imagem amplamente negativa do país no cenário internacional e ter-se-á vários elementos para se questionar se a Copa do Mundo de 2014 será um sucesso ou apenas mais uma ilusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode negligenciar o papel do futebol nas relações internacionais, dado que este influencia e reflete o contexto em que se insere. Tendo em mente uma ordem internacional em que, por mais que conflitos armados não estejam de todo extintos, a cooperação, a interdependência e a busca pela resolução pacífica de controvérsias sejam predominantes, novas formas de se atingir tais objetivos disseminaram-se no seio das relações internacionais. Neste contexto, no qual fatores culturais adquirem acentuada relevância, visto que representam elementos intangíveis de poder, o futebol assume ares de um importante instrumento para a diplomacia dos países, haja vista que este pode servir como um canal responsável pelo espraio de mensagens, símbolos e valores em escala mundial, como uma ferramenta importante para inclusão social e para o desenvolvimento humano e como uma fonte de negócios por demais lucrativa, dada a magnitude de seu vetor econômico, movimentando elevadíssimas somas monetárias no cenário econômico mundial. Isto posto, é compreensível que o futebol esteja presente nas estratégias de inserção internacional de muitos países, guiando muitas das ações destes no cenário mundial e se imiscuindo nos preceitos de política externa dos mesmos.

Desta forma, no caso do Brasil, único país até o momento a ostentar o título de pentacampeão mundial de futebol e considerado por todos os demais como uma superpotência na

⁷SANTOS, M. A. A Copa do Mundo de 2014 no País do Faz de Conta. Disponível em <http://www.jornal.ceiri.com.br/a-copa-do-mundo-de-2014-no-pais-do-faz-de-conta>. Acessado em Abril de 2014.

geopolítica do futebol, algumas das ações externas que foram engendradas nos últimos 11 anos tiveram como elemento balizador o futebol, um preceito que figura na política externa brasileira como forma de promover o país internacional e de galgar protagonismo na arena internacional, o que se torna mais evidente a partir do início do primeiro mandato do ex-presidente Lula, ele mesmo um aficionado pelo velho esporte bretão. Sem embargo, o prestígio emanado pelo futebol brasileiro transbordou para as esferas política e comercial, gerando dividendos para o país. Destacaram-se a realização do Jogo da Paz, talvez a mais concreta e clara evidência do *soft power* brasileiro tendo o futebol como ativo e demonstrando o potencial da diplomacia futebolística brasileira, a exitosa candidatura para sediar a Copa de 2014 e também as Olimpíadas de 2016, a expansão das relações comerciais com inúmeros países e o crescimento da oferta de cooperação internacional, sobretudo a esportiva.

Contudo, a nota de pesar é que o país não faz uso de enorme potencialidade esportiva como deveria. Sem dúvida alguma, a disseminação de uma imagem positiva no exterior por intermédio do futebol, bem como um acréscimo na obtenção de benefícios derivados deste seriam amplamente maiores caso houvesse no país um eficiente programa de esportes, que incentivasse a prática destes em escolas e que houvesse, no moldes do que ocorre nos EUA, um total incentivo à prática de esportes nas universidades. Infelizmente, para um país que possui tamanho potencial esportivo é lastimável constatar-se o péssimo estado em que se encontram as instalações esportivas e praticamente inexistente política de incentivo à prática de esportes por parte do governo brasileiro. Afinal de contas, de que adianta possuir o melhor futebol do mundo e não saber se utilizar dele da melhor forma possível.

Quanto à Copa do Mundo, creio que todos esperamos que não apenas os novos estádios sejam Padrão FIFA, mas que nossa saúde, segurança e educação também o sejam. Agora se o megaevento irá atender às expectativas do governo e não será um complicador para imagem externa do país, impossível prever agora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALANÇO DE POLÍTICA EXTERNA – 2003 a 2010. Disponível em www.mre.gov.br - acessado em abril de 2014

SANTOS, M. A. *Esporte e Relações Internacionais: a Diplomacia Futebolística como Ferramenta de Soft Power – o Caso do Brasil*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGRI/UERJ. Rio de Janeiro: Novembro de 2011.

_____ A Copa do Mundo de 2014 no País do Faz de Conta. Disponível em <http://www.jornal.ceiri.com.br/a-copa-do-mundo-de-2014-no-pais-do-faz-de-conta/>

VASCONCELLOS, D. W. *Esporte, Poder e Relações Internacionais*. Brasília: FUNAG, 2008.